

Sarney só discutirá com Reagan

questões importantes

ANTÔNIO MARTINS

BRASÍLIA — “Você acha que o Presidente do Brasil, que é hoje a oitava economia mundial, iria discutir com o Presidente dos Estados Unidos a respeito de questões prosaicas, como venda de sapatos, sucos de laranja ou política interna de informática? Nós vamos conversar sobre relações bilaterais, multilaterais e sobre política mundial”.

Ao fazer esta declaração ontem, no Palácio da Alvorada, o Presidente José Sarney acrescentou, com ênfase, que gostaria de pôr um ponto final nas especulações que apontam questões setoriais como constantes da agenda de suas conversações com o Presidente Reagan, durante a visita que fará aos Estados Unidos, em setembro. Ontem, por sinal, Sarney aprovou os nomes dos membros da delegação de 14 personalidades que o acompanharão, entre as quais incluiu Edson Arantes do Nascimento, Pelé.

O Presidente se recusou a fazer qualquer associação de sua viagem a América do Norte com as discussões que vêm sendo travadas nos setores diplomáticos, brasileiro e norte-americano, a respeito da política nacional de informática. A indagação a esse respeito ele reagiu: “Não vou alimentar a polêmica que se trava, através da imprensa, em torno de matéria que vem sendo discutida em escalões apropriados”.

A dívida externa brasileira, segundo o Presidente, também não constará da agenda das rodadas de conversas que terá com Ronald Reagan, porque “O assunto está na órbita do Ministério da Fazenda e do Banco Central”. Mas Sarney admitiu que se esse tem a for posto em discussão, ele não fugirá dos parâmetros que traçou em Nova York, em setembro do ano passado, quando discursou abrindo a 40ª Assembléia da ONU.

Foi exatamente naquele pronunciamento que o Presidente José Sarney prometeu impor o ritmo de crescimento do Brasil, sem recessão: “A posição do Brasil está tomada. A dívida não nos leva à dúvida. Optamos” — prometeu Sarney — “por crescer sem recessão, sem nos submetermos a ajustamentos que signifiquem renúncia ao desenvolvimento. O Brasil não pagará a dívida externa nem com a recessão, nem com o desemprego, nem com a fome”.

E, enquanto cuida dos detalhes finais de sua programação nos Estados Unidos, Sarney inicia os preparativos para, antes disso, precisamente no próximo dia 28, comemorar o sexto mês do Plano Cruzado, com algumas iniciativas que mobilizem a opinião pública a favor de suas metas.

Ele próprio dará entrevista ao “Bom Dia Brasil”, da Rede Globo, durante o café da manhã. O programa ainda está em fase de montagem mas, ontem, na hora do almoço, ele previu também que os Ministros da área econômica irão à televisão fazer o balanço dos seis meses do Plano. Sentada à sua direita durante o almoço, sua filha e assessora Roseana Sarney Murad tomou conhecimento da idéia naquele instante, mas prontamente sugeriu que os Ministros das áreas social e política também fossem ao vídeo para falar dos reflexos do Plano Cruzado em suas respectivas áreas.

A tese de Roseana recebeu o imediato apoio de dona Marly Sarney, sentada à frente do Presidente. Com o olhar, o Presidente consultou o Secretário particular, Jorge Murad,



“O compulsório foi absorvido muito depressa. Não é uma monstruosidade”

PRESIDENTE SARNEY

sentado ao lado da Primeira Dama. Murad aprovou a sugestão de sua mulher. Sem fazer qualquer comentário, Sarney deu a entender que a idéia será acolhida.

Do Plano Cruzado, a conversa derivou para o Plano de Metas e, naturalmente, para o empréstimo compulsório, que Sarney não considera como determinante de dificuldades eleitorais para os candidatos dos partidos que o apóiam.

— O compulsório foi absorvido muito depressa. Afinal — completou — esse recurso não se constituiu em nenhuma monstruosidade, porque recaiu sobre setores da sociedade que haviam recuperado o poder de compra e superado a correção salarial, graças às medidas do Plano Cruzado.

Depois do almoço, o Presidente se dirigiu ao salão que fica ao lado da sala de jantar e, ali, em um conjunto de sofás e de cadeiras coloniais, foi servido o cafezinho, enquanto a conversa prosseguia. Roseana Sarney provocou o pai, indagando se ele lera declarações do Governador do Rio, Leonel Brizola a respeito de seu suposto engajamento na candidatura Moreira Franco. Com um sorriso irônico, o Presidente indagou: “Será que o Brizola pensava que eu ia fazer campanha para ele?”

Otimista, Sarney voltou ao tema do início do almoço para profetizar que o Brasil ultrapassará o século como uma grande potência. E assegurou que a política econômica e social do seu Governo tem dado passos largos para a pacificação nacional, o que ele considera como condição essencial para o País atingir esse objetivo. O Presidente tem outra preocupação: a Assembléia Nacional Constituinte. Ele gostaria de ver o povo discutindo essa questão com maior interesse, mas reconhece que isso é pouco provável, porque a coincidência das eleições impõe a primazia do pleito de Governadores sobre o de constituintes.

Sarney não externou qualquer preocupação quando tratou do previsível desempenho dos partidos do Governo nas eleições. E manifestou estranheza ao ouvir menção às especulações sobre a substituição dos partidos que o apóiam por uma agremiação que poderia figurar como o partido do Sarney.

E aconselhou:

— Devíamos superar o hábito de acabar com os partidos políticos. O PMDB é um grande partido que vai sair das eleições mais forte ainda. O PFL tem perspectivas de eleger uma bancada de mais de 100 constituintes. De minha parte, não vejo dificuldade para manter a base de apoio parlamentar do Governo em dois ou em vários partidos.

O Presidente havia chegado para o almoço às 13h30m, bem mais tarde do que o habitual. Mas, exatamente uma hora depois ele, bem humorado, se dirigiu a um visitante e apresentou suas despedidas com esse breve comentário: “A Pátria me chama e eu tenho que ir trabalhar”. Em seguida, deu um beijo na face de sua filha Roseana, no ouvido de quem sussurrou palavras de carinho. E, voltando-se para Dona Marly, entoou o “Trem das Onze”, música de Adoniram Barbosa: “Não posso ficar nem mais um instante com você...” A Primeira-Dama se levantou, o Presidente abraçou-a e os dois desceram para o térreo, onde o aparato de segurança exercitava o ritual para ele tomar o automóvel e se dirigir para o Planalto.

Para o Presidente, ágio é bandeirinha

BRASÍLIA — “O Plano Cruzado tirou as bandeiras da Oposição, que, ao denunciar o ágio, procura bandeirinhas”. A afirmação foi feita ontem pelo Presidente José Sarney, numa conversa informal com alguns jornalistas credenciados no Palácio do Planalto. Ele acrescentou que as críticas que vêm sendo feitas à política econômica são mais “tema de palanque”.

Para Sarney, “o ágio sempre existiu. A situação seria pior se os índices mensais de inflação continuassem em 15 por cento”. Neste sentido, segundo o Presidente, “o Cruzado cumpriu seu objetivo”, acabando com a inflação inercial. Sarney ponderou que os únicos problemas surgidos foram com o leite, a carne e os carros. “São problemas muito mais de administração do crescimento, que serão resolvidos, via investimentos, no Plano de Metas”. Ele afirmou que os três produtos sumiram devido ao aumento do consumo e, no caso do leite, por causa do programa de distribuição gratuita.

Sarney falou ainda da reforma administrativa, anunciando que dentro de duas semanas será divulgada, depois de serem revistos alguns atos jurídicos. Dada a complexidade do assunto, segundo Sarney, a reforma não se esgotará neste Governo e pretende mudar a mentalidade da população.

— Acabar com o pistolão político — explicou o Presidente, acrescentando que, com isso, os políticos terão mais tempo para tratar da política propriamente dita.

Com a reforma, o funcionário não apenas terá melhores vencimentos, como também a possibilidade de ascensão funcional e a consciência de seu papel na sociedade, afirmou Sarney. Ele citou as experiências da Itália e lembrou uma conversa com o Presidente Francesco Cossiga, a quem perguntou quantos funcionários mudavam a cada queda de Gabinete. Dezesesseis, foi a resposta.

Sarney disse que é preciso acabar “com esse carnaval de tipos de contratação” no serviço público. A reforma administrativa, segundo o Presidente, não está na dependência das eleições.

Sarney falou rapidamente de sua posição no processo eleitoral. Disse que não interferirá “nem mais no Maranhão”. Quanto a Minas Gerais e São Paulo, afirmou que eles têm que resolver seus problemas. Indagado se não o incomodava o fato de os dois partidos que lhe dão sustentação estarem brigando entre si e se, por esse motivo, não poderia interferir, respondeu:

— Briga de dentro de casa, resolve-se dentro de casa.